

**As contribuições do facebook
para a formação médica:
estudo de caso dos cursos de
medicina de Curitiba**

The contributions of facebook
for medical education: a case
study of medicine courses of
Curitiba, Brazil

Dr^a Gabriela Eyng Possolli

Faculdades Pequeno Príncipe

Gabriel Lincoln do Nascimento

Faculdades Pequeno Príncipe

ticsfpp@gmail.com

Resumo

O presente estudo teve como objetivo investigar o uso do Facebook por acadêmicos de medicina na cidade de Curitiba. O movimento possibilitado pelas tecnologias digitais e o ciberespaço dinamizou as formas de compartilhar conhecimentos e interagir nas relações interpessoais, criando novos modelos de trocas sociais. Do ponto de vista educacional, as TICs representam recursos inovadores que contribuem para a consolidação de novos paradigmas do processo de ensino-aprendizagem. Metodologicamente, esse é um estudo de caso, de finalidade exploratório-descritiva. No que diz respeito à abordagem trata-se de uma pesquisa mista, em que dados quantitativos e qualitativos são relevantes na coleta de informações (questionário) e nas análises dos resultados. Participaram do estudo 195 acadêmicos de medicina de 5 instituições de educação superior de Curitiba. Dentre os principais resultados constatou-se que: as redes sociais mais utilizadas são Facebook e Whatsapp, sendo que 92% dos acadêmicos acessam diariamente; o tipo de conteúdo mais postado são Fotos com 61%; as principais categorias relativas às contribuições do Facebook na formação médica citadas pelos participantes foram: 1. Notícias, informações, pesquisas e curiosidades da área médica; 2. Divulgação e acesso a eventos acadêmicos, estágios e emprego; 3. Grupos para organização de assuntos acadêmicos; 4. Grupos multiprofissionais de discussão (casos clínicos, dúvidas ou de troca de experiências); As vivências mais significativas possibilitadas pelo recurso do Facebook foram: Festas, Congressos, Mensagens, News, Campanhas e Networking; A utilização do Facebook na relação médico-paciente, na constituição de juntas médicas e equipes multidisciplinares é vista como positiva pelos estudantes.

Palavras-chave: Facebook. Medicina. Tecnologias educacionais. Comunidade virtual de aprendizagem.

Abstract

This study aims to investigate how Facebook is used by medicine students from the Brazilian city of Curitiba. The move made possible by digital technologies and the cyberspace, streamlined ways to share knowledge and the interaction in interpersonal relations, creating new social exchange models. From the educational point of view, CIT represent innovative resources that contribute to the consolidation of new paradigms in the teaching-learning process. The method followed is of a Case Study, aiming to be exploratory and descriptive. Regarding the approach, it is a mixed research, in which quantitative and qualitative data are relevant when gathering information (under a questionnaire) and for the analysis of results. The study included 195 medical students of five higher education institutions from Curitiba. Among the results it was found that: the most used social networks are Facebook and Whatsapp, and 92% of the students access them daily; the type of content that is most posted are photos with 61%; The main categories related to Facebook's contributions to medical education cited by participants were: 1. News, research and curiosities in the medical field; 2. Promotion and access to academic events, internships and employment; 3. Groups for organization of academic affairs; 4. Multidisciplinary discussion groups (clinical cases, doubts or experiences exchange); The most significant experiences made possible by Facebook's features were: Parties, Events, Messages, News, Campaigns and Networking; The use of Facebook in the doctor-patient relationship, the establishment of medical committees and multidisciplinary teams is seen as positive by students.

Keywords: Facebook.; Medicine. Educational Technologies in Health. Virtual Learning Community.

Introdução

Esse artigo aborda o Facebook, rede social atualmente mais popular entre docentes e discentes no Brasil, buscando compreender as nuances, práticas e potenciais pedagógicos para área da saúde entre alunos e residentes de Medicina. Partiu-se do objetivo: compreender a utilização da rede social Facebook por acadêmicos e residentes de Medicina da cidade de Curitiba-PR; e da hipótese de que a rede social Facebook possui grande penetração entre discentes de educação superior devido à promoção da formação de comunidades sociais e profissionais. Esta rede social apresentou crescimento expressivo nos últimos cinco anos, até o momento sem indícios de declínio, tendo também um horizonte promissor de incremento de funcionalidades.

A utilização da rede social Facebook entre jovens em idade universitária é significativa em seus relacionamentos sociais e grupos de afinidade. O número de publicações é considerado baixo diante da relevância que essa rede social apresenta no cotidiano dos jovens e as pesquisas são ainda recentes, residindo nesse ponto uma das justificativas para esse estudo. Os autores dessa pesquisa fazem parte do grupo denominado “TICS aplicadas à educação em saúde” vinculado ao programa de pós-graduação em Ensino nas Ciências da Saúde. O projeto de pesquisa que originou o estudo foi protocolado no Comitê de Ética em Pesquisa da instituição, cadastrado e aprovado na plataforma Brasil sob o número de protocolo 816.950.

A coleta de dados para a pesquisa foi feita a partir de um questionário online em que foram convidados alunos do curso de Medicina das cinco instituições sediadas na cidade de Curitiba. Para isso, foram disparados convites em comunidades, grupos e em mensagem individuais utilizando o próprio Facebook. A participação foi registrada a partir de um instrumento de análise misto (quanti-qualitativa) do tipo questionário, que incluía questões objetivas e dissertativas. Os dados resultantes foram tabulados, categorizados e interpretados à luz da teoria e de dados de outras pesquisas.

Cibercultura e redes sociais no Brasil

O ciberespaço pode ser compreendido como um espaço social de redes digitais e interconexões que possibilita o acesso e a conexão das pessoas àquilo que lhes é de interesse, mesmo que o conteúdo esteja a milhares de quilômetros de distância. Conforme Lévy (2000, p.15), este novo espaço não é o do território geográfico, o das instituições ou dos Estados, mas é um espaço virtual, um espaço invisível de conhecimentos e saberes. A este espaço corresponde, também, um novo tempo. E da mesma forma que a humanidade deixou para trás o paleolítico- instaurando novas formas de pensar, agir e produzir- para ingressar no neolítico, a entrada no “neolítico” (LÉVY, 2000) exigirá a reconfiguração dos modos de pensar, fazer e produzir (não apenas bens materiais, mas também conhecimento).

O ciberespaço é um local virtual que possibilita ler um livro, acessar mídias (vídeos, imagens, textos), interagir, simular situações, compartilhar e comunicar-se com o mundo (LÉVY, 1999). O movimento possibilitado pelas tecnologias digitais e que constituiu o ciberespaço, dinamizou as formas de compartilhar informação e conhecimento, criando novos modelos de trocas sociais (weblogs, e-mail, chats, fotologs, redes sociais). Essas trocas perpassam os limites de espaço e tempo, permitindo a criação de novas formas de cultura, instituindo a chamada cibercultura.

Para Lévy (1999), a cibercultura é compreendida como o conjunto de técnicas materiais ou intelectuais, de práticas, atitudes, pensamento e valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço. Com a evolução das TICs, a cibercultura rapidamente se propaga pelo planeta, e no Brasil este movimento se instaura com maior intensidade a partir dos anos 2000, com a popularização da internet. Na atualidade, procurar por entretenimento, realizar transações bancárias, comprar, acessar serviços, buscar conhecimento, relacionar-se, trabalhar e tantas outras atividades passam a ter na internet uma aliada indispensável. As gerações X e Y passam a tomar espaço nas universidades e no mercado de trabalho, sendo fortemente adaptadas a essa cultura web, revolucionando o cotidiano das pessoas em geral.

Os jovens de hoje em dia, compreendendo a faixa etária dos 15 aos 35 anos aproximadamente, têm a tendência de realizar várias atividades ao mesmo tempo. Navegam em redes sociais, enquanto estudam, assistem televisão e escutam

música. Tudo ao mesmo tempo. Mas não são só os jovens que agem assim. Apesar de esta ser uma característica das gerações x e y, muitos adultos, e até mesmo pessoas da terceira idade, já incorporaram estas características, a partir da interação com o público mais jovem (DORNELLES, 2012).

Com o surgimento dos dispositivos de acesso móvel, estas novas formas de agir, pensar e se relacionar ganham novos contornos. A era da mobilidade parece ser um caminho sem volta por trazer praticidade e flexibilidade para a execução das tarefas diárias. Uma pesquisa de 2015 realizada pela SECOM (BRASIL, 2014) sobre a utilização da internet pela população brasileira indica que o uso a partir de dispositivos móveis como smartphones (66%) se aproxima do uso a partir de computadores (77%).

Dados de 2013 da Pagtel, uma empresa de pagamentos por meio de dispositivos móveis, em parceria com a E.Life, apresentam que aplicativos para redes sociais e para enviar mensagens foram usados por mais de 96% dos usuários brasileiros de *tablets* e de *smartphones*, sem variação significativa entre usuários de diferentes níveis socioeconômicos ou de diferentes grupos etários. Do mesmo modo, os aplicativos para mapas e para navegação foram acessados por 93,4% dos usuários mais ricos e por 94,1% dos que estão na classe C. A mesma tendência se percebe com relação aos aplicativos destinados a transações bancárias, jogos, músicas e vídeos (LEITE, 2013).

País	Acessos à internet (dispositivos móveis)	Acessos à internet (computadores)	Redes Sociais
Brasil	2,4	6,1	3,1
Inglaterra	2,5	5,6	1,9
EUA	2,4	5,2	2,3
Argentina	3,4	5,2	4,3
China	1,9	4,5	1,5
Japão	1,0	3,5	0,8
Mundial	2,1	4,8	2,0

Quadro 1 – Média de horas diárias de acesso

Fonte: adaptado de OAB-SP, 2015.

Com base nesses dados, Brasil e Argentina lideram a média de horas diárias de acesso às Redes Sociais (Quadro 1). Brasileiros lideram o ranking de acesso à

internet a partir de computadores (6,1 horas por dia) e os argentinos lideram a média de horas diárias de acesso a partir de dispositivos móveis (3,4 horas por dia).

O Facebook na educação superior

Facebook é uma rede social fundada em 2004 por Mark Zuckerberg que tem como missão possibilitar que as pessoas compartilhem informações e contribuir para a criação de um mundo mais “aberto e conectado” (FACEBOOK, 2016). Segundo sua página de informações “as pessoas usam o Facebook para se manter conectadas com amigos e família, para descobrir o que tem acontecido no mundo, e para compartilhar e expressar o que lhes tem importância” (FACEBOOK, 2016a).

Zuckerberg fundou a rede social enquanto frequentava a Universidade de Harvard, em fevereiro de 2004, sob o nome de “The facebook”, dentro de vinte e quatro horas online 1200 estudantes daquela universidade tinham se inscrito na nova rede social. O sucesso de adesão por estudantes também se repetiu nos próximos meses quando a rede foi aberta para estudantes de outras universidades americanas, e eventualmente para todas as universidades dos Estados Unidos da América e mais tarde do mundo. A rede se tornou Facebook após a compra do domínio *facebook.com* em agosto de 2005 (THE GUARDIAN, 2007).

O Facebook requer a criação de um perfil — “conjunto de fotos, histórias e experiências que contam a sua história” (FACEBOOK, 2016b) – ou uma página pública, que tem como intuito permitir que empresas, marcas e organizações compartilhem suas histórias e se conectem com a pessoa (FACEBOOK, 2016c).

No contexto da educação superior, o incremento da cibercultura reconfigura a comunicação e o relacionamento entre a sociedade e a comunidade acadêmica, bem como instaura perspectivas inovadoras para o processo de ensino-aprendizagem. A educação, independentemente do caráter público, privado ou filantrópico da IES em que se realiza, é considerada como um bem público, integrando em seu cerne os valores da autonomia, cidadania, solidariedade e responsabilidade social. Em tal contexto, a comunicação é considerada uma dimensão essencial para cumprimento da missão educacional, pois é através da mesma que se pode incrementar o processo de participação ativa da comunidade na vida acadêmica, bem como do compromisso

da IES com a melhoria das condições de vida da comunidade, compartilhando com a mesma informação e conhecimento (BRASIL, 2004).

Nesta perspectiva, ampliar o processo de comunicação entre as IES e a comunidade contribui para solidificar a missão institucional, permitindo maior transparência e visibilidade, proporcionando o rompimento das barreiras que tradicionalmente separam o universo acadêmico da vida social. Com o advento das redes sociais este processo de comunicação e interação se amplia infinitamente. De fato, a comunicação que se estabelece através destes novos recursos amplifica o diálogo entre a academia e a sociedade, instaurando novos canais de fala e escuta, os quais antes se limitavam à interação presencial.

Do ponto de vista didático-pedagógico, as TICS conduzem a um novo paradigma do processo de ensino-aprendizagem, modificando os papéis tradicionalmente atribuídos a professores e alunos, bem como alterando o conceito de sala de aula. Na perspectiva de Behrens (2006), “o paradigma inovador que acompanha a Sociedade do Conhecimento exige mudanças profundas no que se refere à visão de mundo, homem, tempo e espaço” (p.53), afetando a educação em todos os níveis, com destaque à Educação Superior e aos processos de aprendizagem. Em tal contexto, as IES necessitam ultrapassar as práticas educativas transmissoras e repetitivas, buscando uma formação docente e discente integradora, crítica, criativa e participativa.

Em meio às diversas possibilidades de uso das TICs no universo educacional, as redes sociais têm se destacado como ferramentas de comunicação e mediação pedagógica, com grande ênfase ao uso do Facebook por se tratar da rede social mais utilizada no mundo. Atualmente esta rede conta com pouco mais de 1 bilhão de usuários. Segundo o IBGE (BBC, 2015), o Brasil possui metade de sua população conectada à internet (49,4%, ou seja, 85,6 milhões de pessoas), um número que se mantém crescente.

A proporção do uso da internet por crianças e adolescentes cujos pais usam a rede é de 97%, número alto, que destoa um pouco da média de países pesquisados, que é 89%. Com relação à presença desses filhos de pais usuários de internet no Facebook, os números impressionam: a taxa brasileira é de 54%, mais que o triplo da média dos demais países (16%) e nove vezes superior à da Austrália (FOLHA DE S.

PAULO, 2014). Esses dados mostram que as novas gerações brasileiras são de estudantes com um alto índice de inclusão digital. Essas crianças e adolescente são usuários que futuramente serão os alunos da educação superior e as IES precisam agregar essa ferramenta com estratégia de comunicação institucional e no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo o próprio Facebook (2015) até o final de 2014, 45% da população brasileira utilizava a rede social mensalmente. Em 2013 o Brasil era o 2º país em número de usuários da rede social, atrás somente do EUA e um pouco a frente da Índia. Esses dados evidenciam o crescimento e a relevância crescente do Facebook como a rede social mais usada no Brasil e para a qual têm sido atribuídos diversos usos em grupos sociais, instituições empresariais e educativas.

Nas instituições de ensino, mesmo os professores que não têm um perfil no Facebook percebem a popularidade da rede social em conversas com seus alunos e colegas. Os jovens inserem a internet em todas as áreas de sua vida, e costumam utilizar a rede inclusive para buscar conteúdos educacionais e ferramentas de aprendizado. Com o tempo, o Facebook tem disponibilizado cada vez mais possibilidades para que instituições de ensino e professores possam usá-lo para melhorar a comunicação e as metodologias de ensino-aprendizagem.

Com base no estudo da comunidade virtual Universia (2013), que congrega pesquisadores e interessados em educação superior de vários países, o uso do Facebook no ensino-aprendizagem na educação superior foi classificado em seis categorias. O detalhamento das categorias é apresentado no quadro a seguir:

CATEGORIA	Descrição de usabilidade do Facebook
1- Recursos do Facebook	<ul style="list-style-type: none"> - Contato com colegas e especialistas, para pesquisas e networking; - Conversas em tempo real (chat); - Troca de texto e arquivos privados (mensagens); - Acessar videoaulas; - Indicação de sites de museus, bibliotecas virtuais, institutos de pesquisa, órgãos governamentais etc; - Jogos e aplicativos disponíveis no Facebook que podem ser vinculados aos conteúdos curriculares; - Entrevistas ou pesquisas com o público por meio de páginas que agrupam pessoas com interesses em comum, aumentando o alcance de uma investigação.
2- Projetos e Tarefas	<ul style="list-style-type: none"> - Propor campanhas ou desafios com a participação de alunos e profissionais;

	<ul style="list-style-type: none"> - Disponibilizar livros, artigos e textos didáticos para aprofundar conhecimentos e ampliar saberes trabalhados nas aulas; - Buscar parceiros e voluntários para viabilizar projetos; - Divulgar notícias ligadas às áreas profissionais para que os alunos reconheçam a relevância dos conhecimentos curriculares; - Criar álbuns com fotografias de eventos e projetos realizados contribui para sistematizar ações e motivar a participação.
3- Compartilhamento	<ul style="list-style-type: none"> - Criar páginas e grupos que funcionam como blogs para uma turma, um curso ou um projeto de pesquisa; - Socializar vídeos de eventos, palestras ou que tragam informações importantes. - Divulgação de fotografias de acontecimentos importantes podem ser disponibilizados e compartilhados por alunos, professores e pessoas em geral; - Criação de pesquisas rápidas baseadas em perguntas para levantar opiniões e os resultados podem ser apresentados online; - Compartilhar links e arquivos (apresentações, textos, resumos, esquemas) e outros documentos relevantes para a aprendizagem significativa.
4- Colaboração e discussão	<ul style="list-style-type: none"> - Expor de maneira escrita sua opinião sobre a relevância e encaminhamento das ações da qual participa. - Escrita colaborativa, onde o professor pode orientar a composição de materiais de estudo, glossários e outros textos coletivos. - Prática de leitura e escrita em outros idiomas, que por meio do Facebook deixam de ser um conhecimento descolado na vida profissional. - A participação de alunos mais reservados é promovida, visto que estes geralmente ficam mais a vontade utilizando recursos digitais e se expressam melhor. - Formação de grupos por afinidade e grupos de estudo conforme os interesses de aprofundamento dos próprios alunos. - Criar comunidades para interação de graduados e graduandos visando o compartilhamento de experiências acadêmicas e profissionais, além de propor trabalho conjunto com alunos de outras instituições, regiões e países.
5- Organização	<ul style="list-style-type: none"> - Ferramentas para organização da rotina institucional: Eventos - criação de eventos e envio de convite para as pessoas; Grupos - organização das turmas ou cursos em grupos facilita a comunicação, o disparo de informes e organização da rotina dos alunos e calendário acadêmico; Aniversários - envia lembretes e possui atalhos para enviar mensagens; Relacionamento - facilita o relacionamento pessoal do professor com seus alunos fora do ambiente coletivo da sala de aula; Mensagens - mensagens para uma ou mais pessoas, com ou sem arquivos, com confirmação de leitura. Avisos - encaminhar recados importantes ou urgentes para garantir que mais alunos estejam cientes; Celebração - divulgação de resultados de projetos, alunos de destaque, ações inovadoras, premiações, parcerias, etc.
6- Aplicativos	<ul style="list-style-type: none"> - Fornecimento de aplicativos, de uso individual ou coletivo, desenvolvidos internamente ou por empresas conveniadas que facilitam várias atividades da vida acadêmica e possibilitam aos alunos novos meios para aprender e sistematizar suas produções.

Quadro 2 – Categorias de uso do Facebook na educação superior

Fonte: adaptado de POSSOLLI, RAULI, IACOVONE, 2015.

Apresentação e análise de resultados

1 Metodologia da pesquisa

O método de pesquisa que fundamenta esse estudo é o Estudo de Caso, caracterizado como uma modalidade de pesquisa em que um objeto de estudo é definido, ou seja, o Facebook, visando à investigação de casos específicos relativos a esse objeto, especificamente os estudantes de medicina. Um estudo de caso deve ser “bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações” (VENTURA, 2007, p.383), como feito no presente estudo. Quanto à finalidade do estudo, a pesquisa é exploratório-descritiva. Exploratória porque se examina uma temática “pouco estudada, sobre a qual têm-se dúvidas e se refere a um tema recentemente pesquisado” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013, p.101). Descritiva, porque são descritos “fenômenos, situações, contextos e eventos, detalhando como se manifestam” (idem, p.102). No que diz respeito à abordagem trata-se de uma pesquisa mista (SAMPIERI, COLLADO, LUCIO, 2013), em que dados quantitativos e qualitativos são relevantes no instrumento de coleta de informações (questionário) e nas análises feitas.

Para habilitar à participação, os sujeitos precisavam ser maiores de 18 anos e concordar em participar espontaneamente, por meio de informações e termo de consentimento constantes no início do questionário online. Os questionários foram disponibilizados por meio da ferramenta de formulários na plataforma Google Docs. Uma página explicativa com um convite foi enviada individualmente junto com o link de participação via e-mail.

O projeto que originou este artigo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, que avaliou os aspectos éticos e sua viabilidade, visando garantir proteção, prevenção e precaução frente ao objeto de estudo (seres humanos).

O instrumento de pesquisa, um questionário online, incluiu questões subdivididas em três sessões: 1. Dados Pessoais: faixa etária e fase de estudo em Medicina; 2. Utilização do Facebook: incluindo as questões: - Classifique (estabelecendo um ranking) as redes sociais abaixo relacionadas de acordo com a utilização pessoal e no seu contexto social (alternativas: Facebook, Instagram, Snapchat, WhatsApp, LinkedIn, Twitter); - Tendo acesso livre à internet, qual sua

frequência de utilização do Facebook considerando sua rotina normal?; - Marque a opção que mais define a sua utilização na maioria das vezes em que está no Facebook (2 alternativas: uma contemplando um perfil mais ativo e outra um perfil mais passivo); - Que tipo de conteúdo, de autoria própria, você posta em sua linha do tempo? (alternativas: Fotos, Vídeos, Check-in, Textos pessoais; Textos de opinião; Textos sobre a área da saúde); - Como está configurada a privacidade de suas postagens no Facebook (alternativas: Público; Entre amigos; Não sei); 3. Facebook na Formação Médica: incluindo as questões: - Cite contribuições do Facebook para a sua formação com relação à produção de conhecimento e interação com profissionais e estudantes da área (dissertativa); - Cite limitações ou pontos negativos do uso do Facebook para estudantes de medicina (dissertativa); - Considerando sua experiência com o Facebook marque as opções verdadeiras (opções: News, Congressos, Sala de aula online, Networking, Conhecer pessoas, Debates, Mensagens, Campanhas, Festas); - Qual sua conduta ao deparar-se com postagens inadequadas de estudantes ou médicos no Facebook? (dissertativa); - Considerando sua futura prática profissional, qual a sua opinião sobre a extensão da relação médico-paciente (individual ou grupos) para o Facebook? Aborde os aspectos positivos e negativos dessa interação (dissertativa); - O Facebook é utilizado por juntas médicas e equipes multidisciplinares da área de saúde para discussão de casos clínicos. Opine sobre essa prática (dissertativa).

O gráfico da figura 1 demonstra a distribuição dos estudantes de medicina por faixa etária e fase do curso.

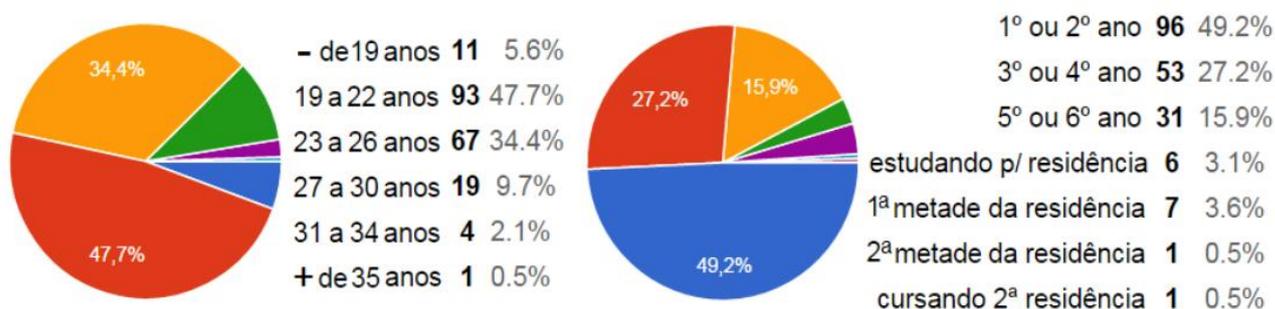


Figura 1 - Amostra da Pesquisa

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo

O preenchimento das questões era liberado somente após a aceitação do termo de consentimento livre e esclarecido, sendo que 195 pessoas aceitaram

participar e somente 1 não aceitou. A amostra de pesquisa inclui 195 participações de acadêmicos de medicina, do 1º período até a residência médica, de IES da cidade de Curitiba, contemplando 5 instituições (2 privadas, 2 filantrópicas e 1 pública). A cidade de Curitiba possui atualmente um número aproximado de 1.600 acadêmicos de Medicina (do 1º a 6º ano), desse modo, a amostragem obtida dessa pesquisa se mostra significativa ao congregar cerca de 13% desse total.

2 Análise das categorias da pesquisa

A partir do questionário aplicado foram estabelecidas categorias da análise para exposição das respostas coletadas e compreensão de seus significados. Desse modo, obtiveram-se 7 categorias, a saber: A) Redes sociais mais utilizadas; B) Frequência, Perfil de utilização e Privacidade; C) Tipo de conteúdo postado; essas três primeiras relacionadas ao Perfil de Uso da Rede Social. E as outras quatro categorias à formação médica de modo específico: D) Contribuições e Limitações do Facebook como Comunidade de Aprendizagem; E) Tipos de vivências possibilitadas pelo Facebook; F) Reação a postagens inadequadas; G) Relação médico-paciente e Comunidade multiprofissional em saúde.

2.1 Redes sociais mais utilizadas

Na primeira questão da sessão de utilização do Facebook, solicitou-se a cada estudante que classificasse como ranking as redes sociais mais utilizadas, dentre as opções: Facebook, Instagram, Snapchat, WhatsApp, LinkedIn e Twitter. A fim de obter um resultado mais próximo da realidade foi permitido classificar, por exemplos, duas redes sociais em primeiro lugar ou duas em terceiro caso fossem utilizadas com frequência equivalente. O participante deveria marcar “nunca” para rede social não usada. O resultado veio a referendar e confirmar outra pesquisa realizada com discentes da área da saúde em 2015 (POSSOLLI, NASCIMENTO, SILVA, 2015), uma vez que para os acadêmicos de Medicina de Curitiba as redes sociais mais utilizadas são o Facebook e o WhatsApp. Outras pesquisas também apontam nessa direção:

O jovem internauta brasileiro possui, em média, perfil não em uma, mas em até SEIS redes sociais. As mais populares são: Facebook (96% dos entrevistados possuem perfil), YouTube (79%), Skype (69%), Google+ (67%) e Twitter (64%). Mas eles não estão só presentes, com perfis que às vezes se tornam inativos. Os internautas interagem cada vez mais e navegar por estas redes é um hábito de

90% de jovens com idade entre 15 e 32 anos. Boa parte do acesso às redes ocorre em dispositivos móveis. (MORAIS, 2014)

Redes sociais como YouTube (compartilhamento de vídeos) e Skype (web-conferências) não foram incluídas nesse estudo pois não funcionam a partir de páginas de perfil com a inclusão de amigos virtuais, sendo que muitos usuários *logam* para realizar atividades que envolvem poucas ou nenhuma interação (como é o caso do YouTube em que é possível assistir vídeos sem cadastro no ambiente e sem contato com outros usuários). Algumas particularidades de cada rede social devem ser ressaltadas no que se refere às suas ferramentas comunicativas e potenciais para uso educativo:

- **Facebook:** rede social para compartilhamento de textos, fotos, vídeos, links para páginas da web, também inclui ferramenta de troca de mensagens instantâneas, videoconferência e a incorporação de aplicativos (como jogos, *quizzes*) e a interação com outras plataformas. Presente nos dispositivos móveis tanto smartphones quanto tablets, pode ser acessado a partir de página da web e de outros dispositivos.
- **WhatsApp:** aplicativo para smartphone e tablets de troca de mensagens instantâneas e compartilhamento de vídeos, fotos, arquivos, além de possibilitar a realização de ligações telefônicas, pode ser acessado via página da web, porém requisita um número de telefone e instalação em smartphone.
- **Instagram:** plataforma para o compartilhamento de fotos e vídeos curtos, disponível como aplicativo para smartphones e tablets, pode ser acessado via página da web, porém requisita um número de telefone e instalação em smartphone.
- **Twitter:** microblog que permite compartilhamento de pequenos textos sobre a rotina pessoal, fatos do cotidiano e links. O acesso pode ser realizado a partir de página na Web, aplicativo para smartphones ou tablets.
- **SnapChat:** aplicativo exclusivo para smartphone (um número de telefone é requisito) que funciona como um chat de compartilhamento de fotos ou vídeos curtos que podem ser visualizados apenas por alguns segundos.
- **LinkedIn:** rede social para postagem de currículo e informações de formação e experiência profissional, contato com pessoas que compartilham interesses profissionais e formação de grupos por afinidade. Possui aplicativos para dispositivos móveis e pode ser acessado a partir de página da Web.

A seguir apresenta-se o resultado global dessa questão com os resultados para cada rede social:

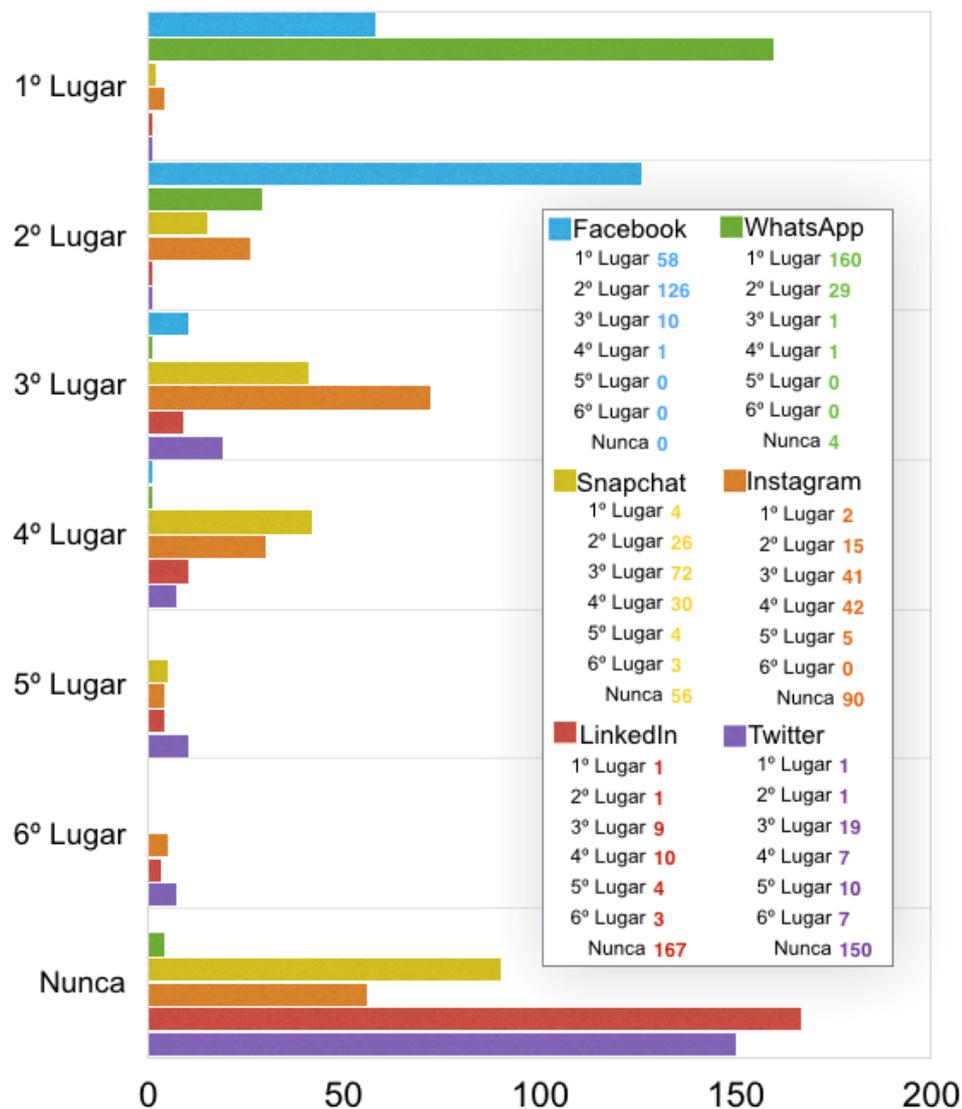


Figura 2 - Gráfico com indicadores de ranking e uso de redes sociais

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo

Ao refletir sobre a possibilidade dessas redes sociais atuarem como espaços de comunicação e aprendizagem, cabe pontuar que um software para ser denominado como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) precisa ter funcionalidades básicas como:

Controle de Acesso (definição de usuário, senha e perfil de acesso); Organização do Ambiente com menus e ferramentas agrupadas por categorias; Controle de tempo para as atividades; Comunicação síncrona e assíncrona; Espaço privativo conforme o tipo de acesso de cada usuário; Materiais didáticos e recursos

multimídia atualizados e adequados; Apoio online (tutoria); Avaliação e autoavaliação. (POSSOLLI, 2012, p.79).

Desse modo apenas as redes sociais LinkedIn e Facebook podem ser utilizadas como AVAs considerando a presença de ferramentas de postagem de conteúdos e comunicação síncrona e assíncrona. Como o LinkedIn é estruturado para contatos profissionais, e assim aplicável para aprendizagem corporativa, conclui-se que apenas o Facebook apresenta estrutura operacional para contribuir pedagogicamente como AVA na educação superior.

2.2 Frequência, Perfil de utilização e Privacidade

Nessa categoria foram congregadas três questões sobre o uso do Facebook. A primeira delas solicitava selecionar a frequência de utilização do Facebook (figura 3).

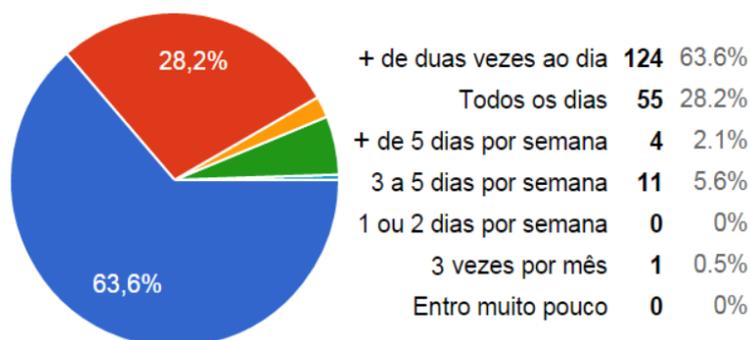


Figura 3 - Frequência de utilização da rede social Facebook

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo

Em uma pesquisa com graduandos da área da saúde, o percentual de uso diário chegou a 75% (POSSOLLI, NASCIMENTO, SILVA, 2015), já para os acadêmicos de medicina esse índice é expressivamente maior, quando 91,8% declararam acessar o Facebook várias vezes ao dia (63,6%) ou pelo menos uma vez ao dia (28,2%), resultado que demonstra o impacto do Facebook na vida dos médicos em formação.

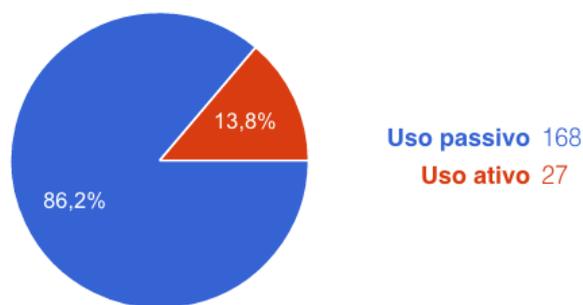


Figura 4 - Perfil de utilização do Facebook

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo

A imagem acima (figura 4) apresenta o perfil de utilização do Facebook buscando verificar se os estudantes de Medicina são mais produtores ou mais consumidores de conteúdos na rede social. As opções apresentadas foram as seguintes: 1- *Leio atualizações dos meus contatos curtindo o que postam, e às vezes, comentando alguma postagem. As postagens no meu perfil são menos frequentes e no geral dizem respeito a assuntos que considero interessantes que compartilho de pessoas ou páginas do Facebook*; 2- *Costumo postar frases sobre assuntos que gosto ou situações cotidianas. Às vezes, posto fotos pessoais e compartilho mensagens de páginas que navego. Também leio atualizações dos meus contatos curtindo e comentando o que me chama atenção.* 86% marcou a opção 1 e somente 14% a opção dois. Fazendo um paralelo com a pesquisa anteriormente citada (POSSOLLI, NASCIMENTO, SILVA, 2015), os discentes da área da Saúde em geral se mostraram mais ativos (39%) do que os de Medicina, porém a maioria (61%) também se disse mais passivo.

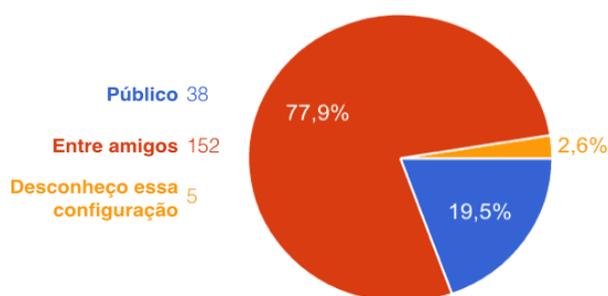


Figura 5 - Gráficos indicadores da configuração de Privacidade

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo

Quanto à configuração de privacidade, os acadêmicos de Medicina se mostram muito mais precavidos, tendo em vista que segundo a pesquisa de Bryant (2013) 40% dos usuários brasileiros dão acesso livre a seus perfis, permitindo que qualquer um veja suas informações e 60% restringem o acesso a amigos adicionados em seu perfil.

Esse resultado pode parecer surpreendente, porém confirma outras pesquisas, como MICHIGAN NEWS (2015) que apresenta um estudo da Universidade de Michigan conduzida por Ethan Kross, professor de psicologia e Philippe Verduyn da Universidade Católica de Louvain na Bélgica, que examinou como o uso passivo ou o uso ativo do Facebook afeta os usuários. Foi realizada uma experiência de laboratório, que permitiu aos pesquisadores levantarem hipóteses sobre causas e efeitos, examinando "como o uso do Facebook prejudica o bem-estar emocional na vida diária das pessoas". Concluíram que o uso passivo do Facebook leva a "declínios consistentes de como as pessoas se sentem, principalmente pelo aumento de sentimentos de inveja" (p.1).

O primeiro estudo envolveu cerca de 80 alunos de graduação. Eles foram instruídos a usar o Facebook ativamente ou passivamente por 10 minutos em um ambiente controlado de laboratório. Quando os alunos usaram o Facebook passivamente, eles se sentiram significativamente piores no final do dia. Isto não era o caso dos estudantes que usaram o Facebook ativamente. (MICHIGAN NEWS, 2015, p.2, tradução própria).

Essa pesquisa referenda o que a presente pesquisa também notou: na maior parte do tempo, as pessoas usam o Facebook passivamente (no lugar de serem ativas postando em sua linha do tempo, compartilhando fotos próprias, respondendo postagens de amigos ou utilizando o bate-papo), e esse uso tem implicações para o bem-estar das pessoas ao longo do tempo.

2.3 Tipo de conteúdo postado

No que se refere ao tipo de conteúdo postado na própria linha do tempo em seu perfil, os estudantes fizeram um ranqueamento dos tipos de postagem que mais praticam, dentre as opções: 1. Fotos: pessoas, grupos, coisas ou lugares; 2. Vídeos; 3. Check-in em lugares; 4. Texto: Relatos de situações pessoais; 5. Texto: Reflexões/opiniões sobre assuntos que me interessam; 6. Texto: Pensamentos sobre assuntos relacionadas à área da saúde ou contexto profissional.

Os tipos de conteúdo mais inseridos são Fotos (61% como mídia mais inserida e 11% como segundo lugar). Depois vem os Textos de reflexão/opinião (13% como primeiro lugar, 14% como 2º e 16% como 3º) e Pensamentos sobre a área da saúde (7% como 1º lugar, 16% como 2º e 19% como 3º). Os três tipos menos postados são: Relatos de situações pessoais (56% nunca postam); Check-in em lugares (52% não postam); Vídeos (30% nunca postam essa mídia, porém para 35% está entre os três tipos mais inseridos). A figura 5 a seguir apresenta os resultados para cada tipo de mídia.

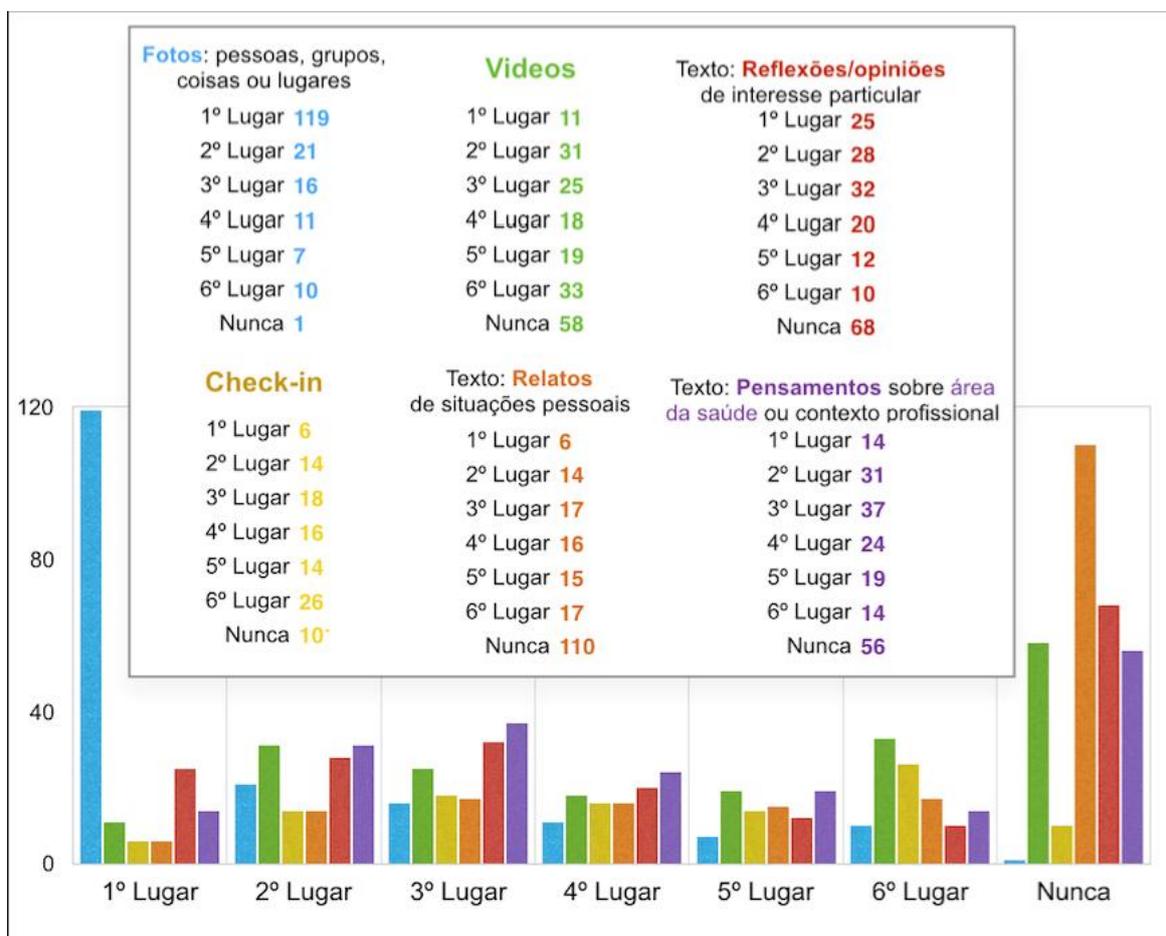


Figura 6 - Gráfico com indicadores de ranking de postagens por tipo de mídia

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo

Juntamente com a análise feita indicando que o perfil de utilização é mais passivo, o tipo de conteúdo de autoria postado ser liderado por foto demonstra que o Facebook também funciona como uma ferramenta para exposição para esses acadêmicos, que inserem fotos com amigos, fotos produzidas, fotos de locais,

comidas, objetos e situações cotidianas. Nesse sentido, Rosa e Santos (2014, p.22) analisam que ao “expor ou omitir fotos relativas à suas vidas e identidades, pensamos que a relação entre intimidade e privacidade dos usuários está diretamente relacionada a esse processo de negociação de identidades devido à elevada exposição que há na rede”.

2.2.4 Contribuições e Limitações do Facebook como Comunidade de Aprendizagem

O Facebook congrega certas funcionalidades para interação, registro e publicação de saberes, e pode ser denominado como uma Comunidade de Aprendizagem e Rede Educacional, ou pelo menos tem potencial para sê-lo. Nesse tipo de Comunidade as TICs são utilizadas “como ferramentas tecnológicas que subsidiam a construção, disseminação e ampliação coletiva de conhecimento” (JUSTEN, 2014, p.148).

Essa categoria inaugura a terceira parte do questionário em que se aprofunda a visão e prática dos alunos no que se refere ao uso do Facebook na formação médica e futura profissão. As duas primeiras são questões dissertativas em que os participantes podiam se expressar livremente. Na primeira, os alunos explicitaram as “contribuições do Facebook para a sua formação com relação à produção de conhecimento e interação com profissionais e estudantes da área”. As respostas ressaltaram aspectos relevantes que destacam os potenciais do Facebook, conforme agrupados e contabilizados a seguir:

Categoria	Ocor- rência	Exemplos de Respostas
Notícias, informações, pesquisas e curiosidades da área médica	76	<p>Sigo páginas como a "The New England Journal of Medicine" que constantemente divulga notícias de artigos publicados na revista</p> <p>“Acesso às informações do ministério da saúde e outras diversas campanhas tanto no âmbito da saúde quanto em diversos outros. Além de contribuir com notícias e pesquisas publicadas ou por páginas confiáveis ou por contatos da própria rede”</p> <p>“Divulgação de livros, artigos e outros materiais acadêmicos.”</p> <p>“Todas as atualizações, cursos, palestras e grupos de estudo são divulgados através das páginas de eventos, isso torna mais acessível a informação.”</p> <p>“Maior acesso a pesquisas e relatos de caso.”</p>

		<p>“Oportunidade de encontrar trabalhos científicos mais facilmente.”</p>
<p>Divulgação e acesso a eventos acadêmicos, ligas, cursos, estágios e emprego</p>	<p>49</p>	<p>“É um meio de comunicação no qual eu fico sabendo sobre palestras e ligas acadêmicas!”</p> <p>“Acho que atualmente o facebook é de extrema importância para a minha formação. Através dele, fico ciente de ligas, estágios e cursos, mantenho comunicação com colegas, troco plantões...”</p>
<p>Grupos para organização de assuntos acadêmicos</p>	<p>39</p>	<p>“Pelo grupo da turma ficamos sabendo de diversas situações pertinentes ao curso e fazemos votações e decisões da turma.”</p> <p>”O uso do Facebook permite que, mesmo em casa, haja interação entre toda a comunidade discente (por vezes até com docentes) da medicina, especialmente entre os de uma mesma faculdade. Dessa maneira, é possível expor opiniões a respeito de decisões relativas ao curso pelas partes que regulam-no, participar de votações que avaliam a opinião dos alunos sem que precisemos ir às assembleias - fato que impedia a participação de muitos por compromissos e outros afazeres. Além disso, é notável a contribuição de rede social na troca de materiais didáticos entre os alunos, o que indiscutivelmente facilita o estudo.”</p> <p>“Grupos no facebook com veteranos e calouros é de grande importância para troca de dicas, informações e apoio.”</p>
<p>Grupos multiprofissionais de discussão (casos clínicos, dúvidas ou de troca de experiências)</p>	<p>37</p>	<p>“Participação em grupos que visam disponibilizar materiais para estudo e promover discussões acerca da área médica.”</p> <p>“O facebook pode ser uma ótima ferramenta de comunicação para com estudantes de medicina e de outras áreas da saúde, bem como profissionais já formados.”</p> <p>“Faço parte de grupos de casos clínicos onde médicos, residentes e estudantes de medicina compartilham casos relevantes, imagens, diagnósticos mais raros e até mesmo dúvidas quanto à conduta.”</p> <p>“Possibilita ver atualizações das sociedades médicas que me interessam e acompanhar o dia a dia dos colegas de outras áreas.”</p>
<p>Comunicação, interação e troca de informações e arquivos facilitada (velocidade, em qualquer lugar, professor-aluno, com profissionais formados e multiprofissional)</p>	<p>30</p>	<p>“Facilidade de comunicação com profissionais formados, sejam professores, residentes e até mesmo colegas estudantes.”</p> <p>“Contato fácil entre médicos para produção científica e acompanhamento do trabalho.”</p> <p>“Contribui no acesso facilitado e maior interação com prof e estudantes, viabilizando maior rapidez no acesso de informações.”</p> <p>“Permite comunicação com pessoas da faculdade de quem não tenho o número do celular.”</p>

Uso para troca de plantões	5	“Grupos de ligas acadêmicas para troca de plantões e outras informações.”
Outros	8	Vídeos, páginas específicas para doenças, páginas de venda, exposição de pontos de vista, “nenhuma”.

Quadro 3 - Contribuições do Facebook para a sua formação com relação à produção de conhecimento e interação com profissionais e estudantes da área

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo

As cinco primeiras categorias obtiveram entre 76 e 30 ocorrências, revelando usos percebidos, dados no processo de aprendizagem e de relacionamentos profissionais. As duas primeiras categorias dizem respeito a um uso um pouco mais passivo, no sentido de estar informado com relação a eventos científicos e oportunidades de emprego, além de acessar notícias e obter conhecimentos na área médica.

A terceira e quarta categorias obtiveram juntas 76 ocorrências e congregam a formação de grupos de estudos, de turmas, de ligas acadêmicas, além da criação de grupos multiprofissionais para encaminhamento de casos clínicos e troca de saberes entre profissionais. O Código de Ética brasileiro aplicável à área da saúde afirma, categoricamente, no capítulo sobre “sigilo profissional, que fazer referência a casos clínicos em ambientes diversos da academia (docência ou publicações científicas) é infração ética, mesmo que o paciente tenha dado autorização expressa” (MARTORELL, NASCIMENTO, GARRAFA, 2016, p.17). Dessa forma, a única maneira de debater casos clínicos é em grupos privados do qual participem somente profissionais previamente cadastrados por um moderador e preservando-se o anonimato dos pacientes.

A quinta categoria de resposta diz respeito a “comunicação, interação e troca de informações e arquivos facilitada (velocidade, em qualquer lugar, professor-aluno, com profissionais formados e multiprofissional)”, a qual relaciona-se com as duas anteriores, mas vai além, contemplando o aspecto interativo que as redes sociais proporcionam. As 30 ocorrências dessa categoria demonstram acadêmicos interessados em trocar mensagens, interagir com colegas, professores e profissionais, e utilizar os potenciais do Facebook para conquistar e manter *networking* profissional ao longo da sua formação.

As quatro últimas categorias foram menos expressivas e conquistaram juntas 13 ocorrências e envolveram o uso para ligas acadêmicas e trocas de plantão (5) e outras respostas (8) como: vídeos, páginas específicas para doenças, páginas de venda, exposição de pontos de vista, ou ainda, nenhuma contribuição.

A próxima questão dissertativa solicitava: “Cite limitações ou pontos negativos do Facebook para estudantes de Medicina”. O quadro a seguir expõe as respostas:

Categoria	Ocor- rência	Exemplos de Respostas
Distração	77	<p>“Me distrai muito.”</p> <p>“A maior limitação é a grande disponibilidade de distrações que o site oferece, por muitas vezes tornando mais difícil a tarefa de focar nos estudos.”</p> <p>“Nunca olhamos só os eventos ou comentários sobre medicina. O facebook e as demais redes sociais acabam tirando a atenção de outras coisas mais importantes e ultimamente têm reduzido o tempo de interação entre as pessoas.”</p> <p>“Desvio na atenção que poderia ser destinada exclusivamente às aulas.”</p> <p>“Procrastinação do estudo.”</p> <p>”Atrapalha por conter assuntos de cunho pessoal, como fotos, o que distrai a atenção.”</p> <p>“O Facebook atrapalha a minha concentração nos estudos”.</p> <p>”Atrapalha os estudos eventualmente.”</p> <p>“Caso o estudante se esqueça de estudar ao invés de curtir publicações nessa rede social.”</p> <p>“Procrastinação.”</p>
Confiabilidade das informações	43	<p>“Muitas vezes passamos mais tempo vendo informações do Facebook do que notícias de fontes confiáveis da área médica.”</p> <p>”Compartilhamento de muitas notícias e informações sem um embasamento adequado somado ao fácil acesso a elas, compartilhamento de muitas “bobagens” que desviam o foco do estudante, exposição excessiva em fotos e vídeos por terceiros.”</p> <p>“Desconhecimento da relevância e qualidade dos materiais”.</p> <p>“Existem muitas correntes de leigos que divulgam informações falsas e/ou até errôneas. Nem todas as fontes são confiáveis.”</p>
Consumo de tempo	40	<p>“Muito tempo gasto durante o dia no Facebook.”</p> <p>“Se não for utilizado com muita disciplina, gasta-se muito tempo nele.”</p> <p>“Tempo não investido em estudos.”</p>
Exposição da vida pessoal e invasão de privacidade	20	<p>“Creio que o pior ponto negativo é a exposição, é necessário usar com a máxima cautela possível. Muitas coisas podem ser entendidas de maneira errada!”</p> <p>“Há uma exposição desnecessária dos médicos, estudantes e do ambiente de trabalho”</p>

		<p>“Penso que para um estudante de medicina o principal aspecto negativo é o mesmo para qualquer outra pessoa: a exposição pessoal potencialmente prejudicial.”</p> <p>“Algumas pessoas se expõem excessivamente, como se a vida de estudante de medicina fosse só glamour e festas.”</p>
Outros	20	<p>“Exposição da área para leigos, vício, muita propaganda, limitações no carregamento de arquivos, “manipulação”, dificuldades na utilização do App.”</p>
Questões da ética médica	10	<p>“Divulgar informações que corrompem a privacidade do paciente ou que não sigam a ética médica.”</p> <p>“Exposição de fotos de pacientes.”</p> <p>“Opiniões ou condutas que não seguem o código de ética médica.”</p>
Desentendimentos	9	<p>“Discussões negativas e sem fundamentos entre colegas.”</p> <p>“Cuidado ao publicar posts de fontes duvidosas ou que comprometam a relação entre colegas, professores e pacientes.”</p> <p>“A interação com profissionais já atuantes na área se dá de modo restrito e muitas vezes carregada de vieses, como é o caso do grupo `Dignidade Médica`.”</p>
Sem pontos negativos	9	<p>“Não acho que tenha pontos negativos.”</p> <p>“Não sei, sempre que precisei de algo obtive pelo facebook.”</p>

Quadro 4 - Limitações ou pontos negativos do uso do Facebook para estudantes de medicina

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo

A categoria mais citada como limitação ou ponto negativo trata-se da "distração", com 77 ocorrências. Cabe ressaltar que a questão da distração é algo relativo ao perfil do usuário, já que, por exemplo, é possível desabilitar a opção de notificações das atualizações do Facebook, evitando a impulso de entrar a todo o momento para verificar as novidades. Na verdade, essas 77 contribuições são uma admissão de que as pessoas têm dificuldades em ficar desconectadas, já que, como visto em outra questão, 64% dos acadêmicos conecta-se ao Facebook mais de duas vezes ao dia. Quando um participante relata que "tem reduzido o tempo de interação entre as pessoas", trata-se de um comentário corrente em diversos espaços que demonstra que esses usuários não consideram a interação online como contato interpessoal. Muitos expressaram que o Facebook desvia atenção dos estudos, como se este tivesse assumido o lugar outrora ocupado pelo videogame ou pela televisão, sendo que a disciplina de estudo é compromisso do estudante.

A confiabilidade de informações (43 ocorrências), preocupação comum na internet, também ocorre nas redes sociais, sendo retratada no texto de São Luis (2014):

A internet fornece ao aluno um grande rol de informações quase que de modo instantâneo, facilitando o trabalho e possibilitando uma fonte maior de conteúdos, conseqüentemente seria possível a construção de uma pesquisa mais ampla e aprofundada. Contudo, não é isso exatamente que acontece, pois a grande questão levantada pelos autores é: Diante de tantas informações disponíveis no mundo *online*, os alunos estão preparados para avaliar a credibilidade e a pertinência dos assuntos publicados? Desenvolver atividades em sala de aula com o intuito de desenvolver o senso crítico do pesquisador, levando o aluno a questionar fontes, confiabilidade do site, credenciais do autor e veracidade dos fatos, são práticas que irão qualificar o indivíduo como leitor *web*.

O consumo de tempo, com 40 ocorrências, está relacionado à primeira categoria, quando os acadêmicos referem-se ao “tempo perdido” navegando no Facebook. Gera-se um sentimento de culpa nos usuários, como se o tempo nas redes sociais fosse um tempo de lazer que pudesse ser aproveitado com outras atividades consideradas mais relevantes. Essa questão também depende do tipo de uso dado. Se o estudante optar por realizar interações produtivas, trocar ideias sobre assuntos científicos, fazer contatos com pesquisadores da área, assistir vídeos e ler artigos encontrados em páginas de profissionais e organizações reconhecidas não haverá tempo perdido.

Vinte ocorrências citaram a *Exposição da vida pessoal* e a *Invasão de privacidade*. Quanto à invasão de privacidade essa só ocorrerá se o indivíduo deixar o perfil como público ou aceitar qualquer solicitação de amizade sem critério, pois nesses casos, “estranhos” ou pessoas pouco próximas poderão ver as postagens. Com relação à exposição da vida, o Facebook publica apenas os conteúdos que o próprio usuário decide inserir, dessa forma é de responsabilidade do mesmo refletir sobre suas postagens. Trata-se então de uma questão educacional. Nesse sentido, a OAB-SP publicou uma cartilha sobre o uso adequado das redes sociais, expondo que “educar para o uso da rede não tem apenas o viés de proteção do indivíduo e da família, mas também o de despertar a consciência para que cada um evite comportamentos inadequados que possam promover preconceito, discriminação, intolerância e ódio” (2015, p.4).

Outras opiniões, menos numerosas, ressaltaram questões éticas da área médica (10 ocorrências), principalmente quanto à divulgação de dados de pacientes e postagem de opiniões pessoais eticamente duvidosas. Desentendimentos (9) decorrentes de postagens inadequadas ou mal interpretadas foram citados, bem como outros aspectos como: exposição da área para leigos, vício, propagandas, limitações no carregamento de arquivos e dificuldades na utilização do software também foram citados; categorizado como "Outros" (20 ocorrências). Nove estudantes utilizaram essa questão para destacar que não identificam nenhum ponto negativo.

2.2.5 Tipos de vivências possibilitadas pelo Facebook

Essa questão pretendia apresentar aos estudantes modos de usar baseados em recursos do Facebook a fim de verificar se estes possuem ou não o hábito relativo a esses usos possíveis. O quadro a seguir apresenta os tipos de uso ordenados do mais frequente para o menos frequente:

Festas: organizar ou estar informado sobre festas de acadêmicos. Participei desses eventos e creio que sem o Facebook a organização seria muito mais difícil	166	85.1%
Congressos: O Facebook me auxilia a ser atualizado com relação a informações sobre eventos científicos da área	163	83.6%
Mensagens: utilizo o messenger do Facebook para conversar com colegas e/ou professores	144	73.8%
News: notícia sobre conhecimentos científicos da área médica em grupo no Facebook	125	64.1%
Campanhas: mobilizações sociais que começaram em eventos ou grupos do Facebook	107	54.9%
Networking: contribui para conhecer outros estudantes de medicina, profissionais da área e serviços de saúde. Ferramenta para conhecer pessoas e criar vínculos	101	51.8%
Conhecer pessoas: ao conhecer algum pesquisador ou profissional interessante já utilizei o Facebook para saber mais sobre aquela pessoa.	93	47.7%
Sala de aula online: aproximação entre professores e colegas para além do ambiente de sala de aula, trocando ideias sobre conteúdos curriculares e auxiliando em meus estudos	78	40%
Debates: debates online em grupos que abordavam questões de destaque para a área médica	50	25.6%

Quadro 5 - Tipos de Vivência no Facebook

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo

Ironicamente, o uso mais frequente é para organização de festas e eventos estudantis. De fato, observa-se ser frequente a gestão desse tipo de acontecimento social por meio da ferramenta "eventos" disponível no Facebook. Os congressos e encontros científicos também se encontram na categoria "eventos". Esses dois usos relativos à organização e gestão de eventos pelo Facebook obtiveram respectivamente, 85,1% e 83,6%. O messenger do Facebook usado como um chat para conversar online obteve 74%, esse uso é facilitado pela utilização do Facebook em celulares e substitui o Whatsapp, já que o número de contatos no Facebook é maior e nem sempre o usuário tem o número de celular do interlocutor.

Em quarto lugar apareceu a categoria "News", com 64%, dizendo respeito à divulgação e leitura de notícias da área médica em grupos do Facebook, mas que não necessariamente geram debate, já que a categoria "Debates" apareceu em último lugar com 25,6%. Campanhas de mobilização social organizada via Facebook foram experienciadas por 55%, usando a ferramenta de "Eventos".

Um pouco mais da metade dos participantes da pesquisa tem a prática de estabelecer e fortalecer seu Networking por meio do Facebook, corroborando com a próxima categoria "Conhecer pessoas" com 48%. Com a chegada das redes sociais e plataformas profissionais especializadas, a estrutura física e presencial do networking foi transformada (NILMA, 2013).

Atividades acadêmicas mais ligadas à sala de aula presencial, como "Sala de aula online" (40%) e realização de debates sobre conteúdo médico (25,6%) também apareceram nas respostas selecionadas. A esse respeito, ressalta-se que resultados de pesquisas sinalizam que atividades apoiadas pelo Facebook “apresentam ganhos satisfatórios. Os recursos disponíveis no Facebook possibilitam uma maior participação dos alunos, representando um complemento às aulas tradicionais, permitindo assim, uma maior comunicação entre os próprios alunos ou entre os alunos e professores” (CAMPOS, BARCELOS, 2012, p.5).

2.2.6 Reação a postagens inadequadas

A quarta questão da última parte de instrumento de pesquisa pedia que os acadêmicos se manifestassem sobre suas reações diante de postagens inadequadas, perguntando: “Qual sua conduta ao deparar-se com postagens inadequadas de

estudantes ou médicos no Facebook?”. Os resultados mostraram que 55% se mostraram mais passivos, simplesmente ignorando sem tomar alguma atitude, enquanto 45% tomam alguma atitude como: “denunciar ao Facebook para que a postagem seja bloqueada”, “contatar a pessoa pelo messenger”, “utilizar o ocorrido como temática para debater com colegas”.

Alguns relatos destacaram algumas providências interessantes, como:

- “Compartilho a publicação com meus colegas próximos para que possamos discutir”, na mesma linha, outro participante respondeu que: “discuto com colegas meus acerca desses comportamentos, pois é importante ter um posicionamento”.
- “Quando são postagens de pessoas que conheço melhor, mando mensagem inbox avisando o problema e na maioria das vezes as pessoas excluem a postagem”.
- “Quando são situações que se resolvem, apenas excluo do meu facebook a pessoa de má índole, mas quando vejo que posso fazer alguma diferença, denuncio”.
- “Já tentei denunciar ao CRM-PR, mas como a pessoa era estudante e ainda não tinha o registro, me falaram que a instituição de ensino deveria tomar providências”.

2.2.7 Relação médico-paciente e Comunidade multiprofissional em saúde

Essa categoria abrange as duas últimas questões do instrumento que eram dissertativas: “3.5) Considerando sua futura prática profissional, qual a sua opinião sobre a extensão da relação médico-paciente (individual ou grupos) para o Facebook? Aborde os aspectos positivos e negativos dessa interação; 3.6) O Facebook é utilizado por juntas médicas e equipes multidisciplinares da área de saúde para discussão de casos clínicos. Opine sobre essa prática”.

A respeito da relação médico-paciente mediatizada pelo Facebook os participantes foram questionados e convidados a abordar aspectos positivos e negativos dessa interação.

“Acredito que a relação médico-paciente não deve ser estendida para o Facebook, pois com comentários, curtidas, eventos, por exemplo, pode haver um julgamento do paciente em relação ao médico ou do próprio médico em relação ao paciente e isso pode comprometer a relação. Na verdade, a relação médico-paciente deve ser preservada para que não haja uma ‘virtualização’ de uma relação que requer um contato mais humanizado. Porém, pode haver uma relação saudável em que o paciente e médico tenham papéis bem definidos quanto ao ambiente em que se encontram no momento da relação médico-paciente, por exemplo, o paciente pode pedir uma opinião sobre algum tratamento que é novo e o médico opinar e até compartilhar informações novas ou falsas.”

“Pouco eficiente. A relação médico-paciente é uma relação profissional que não deve se estender para além do ambiente hospitalar (ou consultório, clínica, etc.), enquanto o facebook é uma plataforma pessoal. Há situações em que a

associação relação médico-paciente pode ser útil no facebook (no caso de perfis profissionais) para um melhor acompanhamento de pacientes de consultório, com doenças crônicas, etc. Pode ser útil também para sanar dúvidas e evitar que o paciente busque informações equivocadas na internet (muito comum) ou para encaminhar o paciente a um hospital urgentemente.”

“Positivos: quebra a distância entre médico e paciente. Negativos: o paciente pode deixar de vê-lo como um profissional.”

“Individualmente não acho adequado. Mas a criação de um grupo sobre uma especialidade para que os pacientes possam interagir e se informar é muito válido.”

“Acredito que ser amigo de pacientes no facebook pode melhorar a relação médico-paciente no sentido que o paciente pode ter maior empatia com o médico, já que hoje ser amigo em redes sociais importa para muitas pessoas. Por outro lado, o médico perde um pouco a privacidade e. Me formo em 1 mês e ainda não decidi se aceitarei ou não pacientes como amigos do facebook.”

Nestas respostas obtidas na coleta de dados, observamos como os estudantes ainda se sentem inseguros em relação à utilização do Facebook para interações médico-paciente. E elas nos indicam como esta prática ainda tem de ser discutida e estudada.

No que se refere à utilização de grupos privados no Facebook para a constituição de juntas médicas e troca de informações de equipes multidisciplinares, os participantes se mostraram positivos e alguns colocaram ressalvas para essa prática:

“Acho válido, pois é um meio muito democrático e de fácil acesso. Desde que isso seja feito em grupos fechados e particulares, sem divulgar informações publicamente”

“Desde que se mantenha o sigilo em relação à identidade do paciente, acho uma prática saudável”

“Muito válido, desde que os debates sejam acompanhados por moderadores ou profissionais com mais experiência”

“Essa prática é importante, uma vez que pode promover a interação de profissionais de toda a área da saúde, independente do local onde esses se encontrem, podendo auxiliar em diagnósticos precisos e ágeis”

Estas ressalvas em sua maioria dizem respeito à manutenção da ética médica, sem o compartilhamento de informações sigilosas e que ocorra apenas em grupos privados. Ocorrências que sugeriram a necessidade de moderadores experientes nestes grupos também foram significativas.

Considerações finais

A realização dessa pesquisa representa uma contribuição significativa para compreensão da utilização da rede social Facebook por acadêmicos de Medicina em cinco instituições na cidade de Curitiba. Os resultados estão detalhados na apresentação e análise de resultados, mas a título de conclusão alguns relatos e posicionamentos chamam a atenção e mostram um cenário do uso do Facebook na formação médica:

- As redes sociais mais utilizadas são Facebook e WhatsApp.
- Facebook é utilizado todos os dias por 92% dos participantes da pesquisa.
- 86% dos acadêmicos de Medicina utiliza o Facebook de maneira mais passiva do que ativa.
- 78% dos acadêmicos configuraram suas publicações como privadas para os amigos inseridos em seu perfil.
- O tipo de conteúdo mais postado são as Fotos (de pessoas, lugares, coisas ou grupos) com 61%.
- As principais categorias relativas às contribuições do Facebook na formação médica citadas pelos participantes foram: 1. Notícias, informações, pesquisas e curiosidades da área médica; 2. Divulgação e acesso a eventos acadêmicos, ligas, cursos, estágios e emprego; 3. Grupos para organização de assuntos acadêmicos; 4. Grupos multiprofissionais de discussão (casos clínicos, dúvidas ou de troca de experiências).
- Quanto às limitações relatadas, as principais foram: 1. Distração; 2. Confiabilidade de informações; 3. Consumo de tempo; 4. Exposição da vida pessoal e invasão de privacidade.
- As vivências mais significativas possibilitadas pelos recursos do Facebook foram: Festas, Congressos, Mensagens, News, Campanhas e Networking.
- 45% dos acadêmicos tomam providências diante de postagens inadequadas de estudantes ou médicos.
- A utilização do Facebook na relação médico-paciente, na constituição de juntas médicas e equipes multidisciplinares é vista como positiva pela grande maioria dos acadêmicos.

Pesquisadores da área de tecnologias digitais estudam tendências para o futuro do Facebook na Educação. Em meados de 2015, o diretor de negócios do Facebook no Brasil trouxe à tona alguns pontos: 1) Expansão mobile; 2) Trazer quem usa celular, mas não acessa o Facebook, para dentro da rede. São grandes desafios que esbarram não apenas nas estratégias do Facebook, mas em questões culturais e de acesso à tecnologia (FACEBOOK, 2016a).

Com relação a trabalhos futuros, o grupo de pesquisa que conduziu esse estudo, denominado “TICs aplicadas à educação em saúde”, pesquisa mídias digitais e tecnologias educacionais na área da saúde com a participação de alunos de graduação, mestrado e professores de *stricto sensu*, possuindo frentes de trabalho

que incluem temas como redes sociais, *gamificação*, educação a distância e tecnologias assistivas.

Referências

BBC. *Metade dos brasileiros estão conectados à internet; Norte lidera em acesso por celular.* Publicado em: 29/04/2015. Disponível em http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150429_divulgacao_pnad_ibge_lgb.

BEHRENS, Marilda Aparecida. *Paradigma da complexidade: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Comissão nacional de avaliação da educação superior (CONAES). *Diretrizes para a avaliação das instituições de educação superior, 2004.*

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.* – Brasília: Secom, 2014. Disponível em <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>.

BRYANT, Charles. *10 coisas que não devem ser compartilhadas em redes sociais.* Disponível em: <http://tecnologia.hsw.uol.com.br/10-coisas-nao-compartilhar-redes-sociais.htm>. Informática UOL, 2013.

CAMPOS, T.C.de S.; BARCELOS, G.T. *Uso do facebook como ferramenta educacional: rede social ampliando as discussões escolares.* Anais do Congresso Integrado de Tecnologia da Informação. IFRJ, 2012.

DORNELLES, Juliano. *Entre gerações.* Publicado em: 28/11/2012. Disponível em: <http://pazdornelles.blogspot.com.br>.

FACEBOOK – Business. *Nosso levantamento mais recente, realizado no último trimestre de 2014, mostra que a presença de brasileiros no Facebook não para de crescer.* Página da web. 20 de março de 2015. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/business/news/BR-45-da-populacao-brasileira-acessa-o-Facebook-pelo-menos-uma-vez-ao-mes>, acesso em 15 de março de 2016.

FACEBOOK. *About: Page Info.* Página da Web. Disponível em <https://www.facebook.com/facebook/info/?tab=page_info>. Acesso em 28 de março de 2016^a

FACEBOOK. *O que é o perfil?* Página da Web. Disponível em <<https://pt-br.facebook.com/help/133986550032744>>. Acesso em 28 de março de 2016^b

FACEBOOK. *O que é uma Página do Facebook?* Página da Web. Disponível em <<https://pt-br.facebook.com/help/174987089221178>>. Acesso em 28 de março de 2016c

FOLHA DE S. PAULO. *Uso do Facebook por crianças no Brasil é triplo da média mundial.* Caderno de Tecnologia. Publicado em: 27/01/2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/01/1401800-uso-do-facebook-por-criancas-no-brasil-e-triplo-da-media-mundial-diz-estudo.shtml>

JUSTEN, L.M. *Comunidades de Aprendizagem e Redes Educacionais.* In: TORRES, P.L. (org.). *Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento.* Curitiba: Senar-PR, 2014.

LEITE, Fernando B. T. *No Brasil, o uso de telefones móveis se estende pelos níveis de renda e pelos grupos etários.* Publicado em: 30/10/2013. Disponível em: <http://www.hytrade.com.br>.

LÉVY, P. *Cibercultura.* Tradução de Carlos Irineu Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.* 3.ed. São Paulo: Loyola, 2000.

MARTORELL LB, NASCIMENTO WF, GARRAFA V. Social networks, privacy, confidentiality and ethics: exhibition of pictures of patients on Facebook. **Interface** (Botucatu). 20(56):13-23, 2016.

MICHIGAN NEWS. *Passive Facebook use undermines how a person feels.* Disponível em: <http://ns.umich.edu/new/releases/22708-passive-facebook-use-undermines-how-a-person-feels>. University of Michigan Regents, 2015.

MORAIS, Ricardo Prates. *Redes sociais são essenciais como estratégia de marketing digital.* Disponível em: <http://www.artigonal.com/marketing-e-publicidade-artigos/redes-sociais-sao-essenciais-como-estrategia-de-marketing-digital-7082177.html>. Publicado em: 03/09/2014.

NILMA, M. *Networking para recém-formados no facebook.* Publicado em: 22/10/2013. Disponível em: <https://ageconceito.wordpress.com/2013/10/22/networking-para-recem-formados-no-facebook/>

OAB-SP – Organização dos Advogados do Brasil. *Recomendações e boas práticas para o uso seguro das redes sociais por toda a família.* Cartilha. 43p. Disponível em <<http://www.oabsp.org.br/comissoes2010/direito-eletronico-crimes-alta-tecnologia/cartilhas/Cartilha%20Uso%20seguro%20das%20redes%20socias.pdf>> Acesso em: 30 de Março de 2016.

PAGTEL; E.LIFE. *Jovens brasileiros e o mundo móvel.* Publicado em: 04/10/2013. Disponível em: <https://www.pagtel.com.br>.

POSSOLLI, G.E. *Políticas de Educação Superior a distância e os pressupostos para formação de professores*. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em educação (PPGE) para obtenção do título de doutorado. Curitiba, UFPR, 2012. 235p.

POSSOLLI, G. E.; NASCIMENTO, G. L. do; SILVA, J. O. M. da; *A Utilização do Facebook no Contexto Acadêmico: o Perfil de Utilização e as Contribuições Pedagógicas e para Educação em Saúde*. Novas Tecnologias na Educação – RENOTE. v.13 n.1. Universidade Federal Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/viewFile/57586/34564> Acesso em 30 de março de 2016.

POSSOLLI, G. E.; RAULI, P. M. F.; IACOVONE, A. F. As Redes Sociais como Ferramenta Comunicativa e Pedagógica em uma Instituição de Educação Superior. In: *Redes e Mídias Sociais*. Organizadora: Patricia Lupin Torres. 1 ed. Curitiba: Appris, 2015.

ROSA, G.A.M; SANTOS, B.R. dos. Facebook: negociação de identidades e o medo da violência. *Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 66, n.1, 2014. SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. del P. B.; *Metodologia de Pesquisa*. 5ed. Porto Alegre: Penso 2013.

SÃO LUIS. Biblioteca do Colégio Estadual do Campo São Luis. *Confiabilidade das informações na internet*. Publicado em: 15/07/2014. Disponível em: <http://claubiblioteca.blogspot.com.br/2014/07/confiabilidade-das-informacoes-na.html>

THE GUARDIAN. *A brief history of Facebook*. Página da Web. Disponível em: <http://www.theguardian.com/technology/2007/jul/25/media.newmedia>. Acesso em: 28/03/2016.

UNIVERSIA. *100 maneiras de usar o Facebook em sala de aula*. Acesso em: 20/11/2013. Disponível em: <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/05/25/936671/100-maneiras-usar-facebook-em-sala-aula.html>.

VENTURA, Magda M. *O Estudo de Caso como modalidade de pesquisa*. Revista SOCERJ. n.20. Set.Out/2007. p.383-386.

Submetido em 30-3-2016, aprovado em 14-5-2016